

O avanço da informática

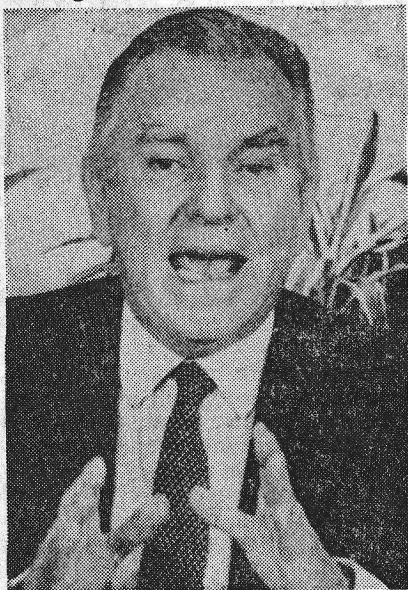
BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

O ano de 1987 será decisivo para a política de informática brasileira, segundo acreditam assessores do ministro Renato Archer, da Ciência e Tecnologia. É neste ano que o avanço do setor será mais notável, e quando o País começará a ser reconhecido na área de ciência e tecnologia de ponta no mercado internacional. E será decisivo, porque o setor estará muito próximo da consolidação, "tanto quanto as pressões externas e internas contra este objetivo estarão marchando aceleradamente para o desatrelamento".

O ministro Renato Archer garante: "Ao mantermos o atual ritmo de crescimento na área de ciência e tecnologia, em 1989 ultrapassaremos ninguém menos do que a França". E faz ressalva de que a profecia não é dele, mas sim do jornal *Washington Post*.

O governo brasileiro não vai recuar um milímetro na sua política de informática, ressalta o ministro Renato Archer, que considera a manutenção desta política vital para que o Brasil entre no século 21 dono do seu próprio cérebro, isto é, mantendo em mãos nacionais todo o seu conhecimento científico e tecnológico. Mas esta posição de manter avançada a política de informática, para o ministro Dílson Funaro, da Fazenda, não significa uma posição de intransigência. Ele diz que o governo brasileiro está disposto a discutir sua política, notadamente, para explicá-la melhor para quem vê nela um "bicho de sete cabeças", o que, de fato, segundo a sua opinião, não é.

Exemplo de que uma boa conversa pode render bons dividendos, para Funaro, são os entendimentos que o governo brasileiro manteve com o assessor especial para Assuntos de Comércio Exterior da Casa Branca, Clayton Yeutter. "Nós não mudamos a Lei de Informática, não provocamos nenhum recuo na política do governo e conseguimos que, ao menos temporariamente, os Estados Unidos suspendessem sua ameaça



30/6/86

Archer: não vamos recuar

de retaliação comercial aos produtos brasileiros."

No calor da polêmica em torno da política de informática, uma palavra de apoio ao governo, vinda de fora: "Se o Brasil quiser chegar ao nível dos países desenvolvidos como os Estados Unidos, o Japão e a Alemanha Ocidental, terá de trilhar o caminho do protecionismo e da reserva de mercado pelo tempo necessário a que sua indústria nascente se consolide. Esta atitude é legal perante os organismos internacionais, como o Gatt (Acordo Geral de Tarifas e Comércio), e foi exatamente procedendo assim que aqueles países chegaram aonde estão". O conselho é do economista John Kenneth Galbraith, ex-assessor econômico do presidente Kennedy, e foi dado pelo próprio Galbraith ao presidente Sarney, durante encontro que mantiveram no Palácio do Planalto.

Para o ministro Renato Archer, contudo, o protecionismo brasileiro na área de informática não chega a impedir o desenvolvimento das multinacionais. E tanto é assim — ressalta o ministro — que a filial brasileira da IBM foi a que apresentou maior lucro em todo o mundo.